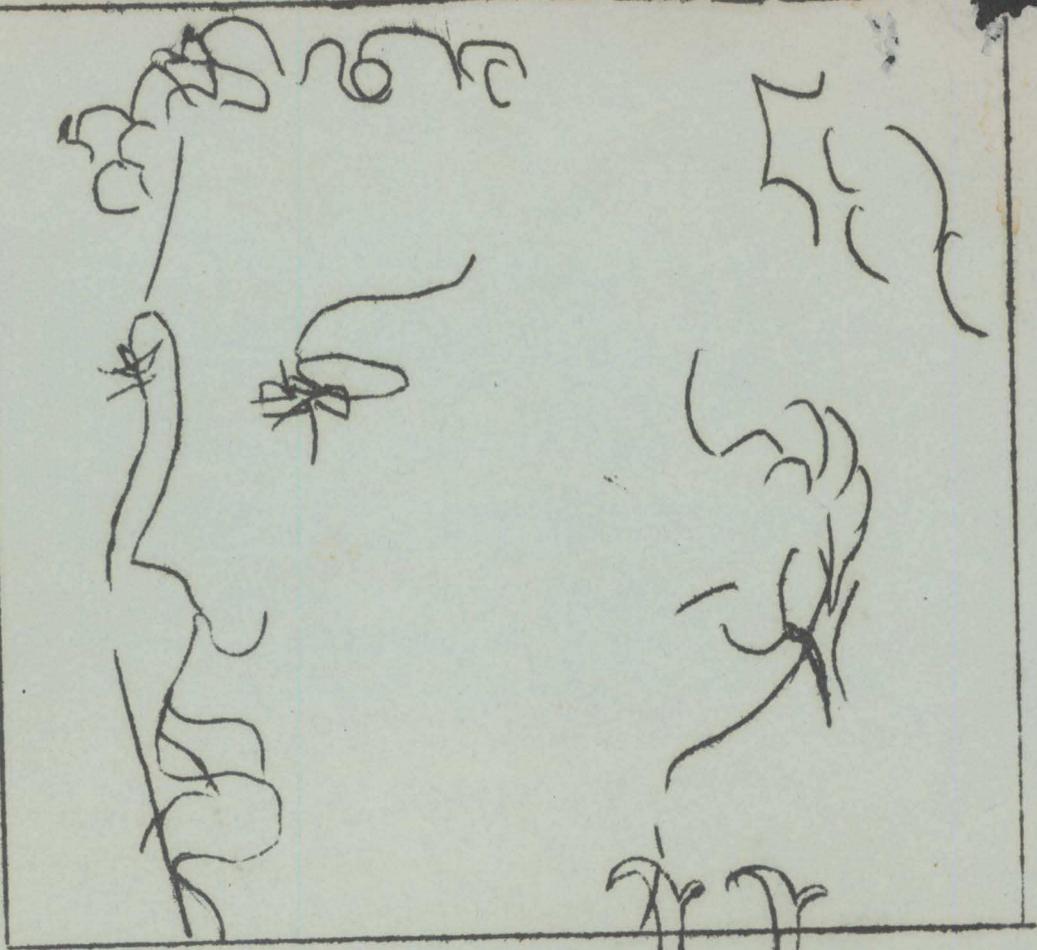
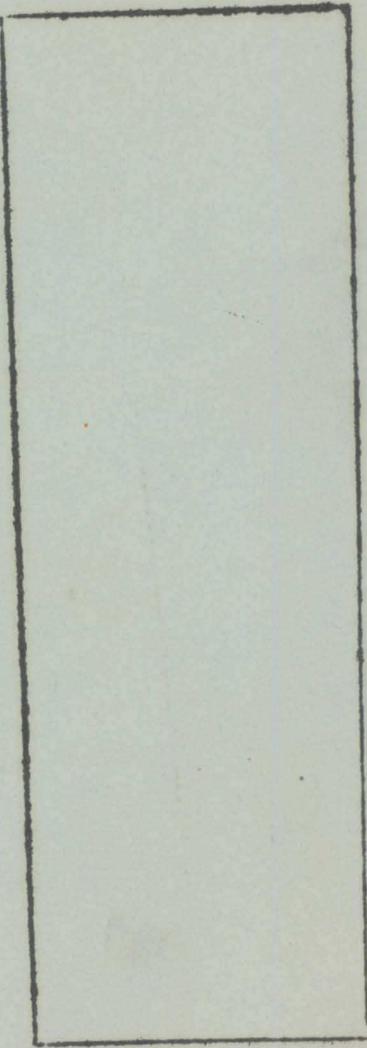


tema de poesia



B Guillem

re
re
re
re



OS QUE VÃO NASCER

BERTOLD BRECHT

1.

Realmente, eu vivo num tempo sombrio,
A inocente palavra é um despropósito, Uma frente sem ruga
demonstra insensibilidade. Quem está rindo
é porque não recebeu ainda
a notícia terrível.

Que tempo é este, em que
uma conversa sobre árvores é quase uma falta,
pois implica em silenciar sobre tantos crimes?
Esse que vai cruzando a rua, calmamente,
então já não está ao alcance dos amigos
necessitados?

É verdade: ainda ganho o meu sustento.
Porém, acreditai-me: é mero acaso. Nada
do que faço me dá direito a isso, de comer e fartar-me.
Por acaso me poupam (se minha sorte acaba,
estou perdido).

Dizem-me: Vai comendo e bebendo! Alegra-te pelo que tens!
Mas como hei de comer e beber, se
que eu como é tirado a quem tem fome e
meu copo d'água falta a quem tem sede?
No entanto eu como e bebo.

Eu gostaria bem de ser um sábio.
Nos velhos livros está o que é sabedoria:
manter-se longe das lidas do mundo e o tempo breve
deixar correr sem medo.
Também saber passar sem violência,
pagar o mal com o bem,
os próprios desejos não realizar e sim esquecer,
conta-se com sabedoria.
Não posso nada disso:
realmente, eu vivo num tempo sombrio!

2.

As cidades cheguem em tempo de desordem,
com a fome imperando.

Junto aos homens cheguei em tempo de tumulto,
e me rebelei com ôlos.

Assim passou-se o tempo
que sobre a terra me foi concedido

Minha comida mastiguei entre as refregas.

Para dormir deitei-me entre assassinos.

O amor eu exercia sem cuidado
e olhava sem paciência a natureza.

Assim passou-se o tempo
que sobre a terra me foi concedido.

As ruas do meu tempo iam dar no atoleiro.

A fala denunciava-me ao sarrasco.

Bem pouco podia eu. Mas os mandões
sem mim se achavam mais seguros, eu esperava.

Assim passou-se o tempo
que sobre a terra me foi concedido.

Minguadas eram as forças. E a meta ficava a grande distancia.

Claramente visível, conquanto para mim
difícil de alcançar.

Assim passou-se o tempo
que sobre a terra me foi concedido.

3.

Vós, que vireis na crista da maré
em que nos afogamos,

pensai,

quando falardes em nossas fraquezas
também no tempo sombrio

a que escapastes.

Tínhamos nós então mudando de país mais do que de sapatos,
me meio às lutas de classes desesperadas,
enquanto apenas injustiça havia e revolta nenhuma.

E entretanto sabíamos:

também o ódio e a baixeza endurece as feições,

também a raiva contra a injustiça

torna mais rouca a voz. Ah, e nós,

que pretendíamos preparar o terreno para a amizade,

nem bons amigos pudemos ser.

Mas vós, quando chegar a ocasião

de ser o homem um parceiro para o homem,

pensai em nós

com simpatia.

ARTE POETICA

Nicolas GUILLEN

Conozco la azul laguna
y el cielo doblado en ella
Y el resplendor de la estrella
Y la luna

En mi chaqueta de abril
prendí una azucena viva
y besé la sensitiva
con labios de toronjil

Un pajarito principal
me enseñó el múltiple trino
Mi vaso apuré de vino
Sólo me queda el cristal

Y el plomo que zumba y mata
Y el largo encierro ?
! Duro mar y olas de hierro
no luna y plata !

El canaveral sombrío
tiene voraz dentadura
Que sepa el astro en su altura
de hambre y frío !

Se alza el foete mayoral
Espaldas hiere y desgarras
Ve y con tu guitarra
dilo al rosal

Dile también del fulgor
con que un nuevo sol parece
en el aire que la mece,
que apluda y grite la flor.

B A R E S

Amo los bares y tabernas
junto al mar,
donde la gente charla y bebe
solo por beber y charlar
Donde Juan Nadie llega y pide
sua trago elemental
y estan Juan Bronco y Juan Navaja
y Juan Naricos y hasta Juan

Allí la blanca ola
bate de la amistad;
una amistad de pueblo ,sin retórica,
una ola de ! hola ! y cómo estás ?
Allí huele a pescado
a mangle ,a ron,a sal
y a camisa sudada puesta a secar al sol.

Búscame,hermano y me hallarás
(en La Habana,en Oporto,
en Jacmel,en Shangai)

con la sencilla gente
que solo por beber y charlar
puebla los bares y tabernas
junto al mar.

L A M U R A L L A

Para hacer esta muralla
traiganme todas las manos
los negros,sus manos negras,
los blancos ,sus blancas manos.
Ay,una muralla que vaya
desde la playa hasta el monte,
desde el monte hasta la playa,bien,
allá sobre el horizonte.

Tun ,tun !
- Quien es ?
- Una rosa y un clavel...
-Abre la muralla !
- Tu, Tun !
- Cuen és ?
- El sable del coronel...
- Cierra la muralla !
- Tun , Tun !
- Quien es ?
- La paloma y el laurel...
- Abre la muralla !

Al corazon del amigo,
abre la muralla
al veneno y al puñal
cierra la muralla;
al mirto y la yerbabuena
abre la muralla;
al diente de la serpiente,

cierra la muralla;
al ruisenor en la flor,abre la muralla...
Alcemos una muralla
juntando todas las manos;
los negros,sus manos negras,
los blancos ,sus blancas manos.
Una muralla que vaya allá sobre el horizonte.